

PERSPECTIVAS PARA A PRESERVAÇÃO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE UBERABA

Andreia de Freitas Lopes

Marília Maria Brasileiro Teixeira Vale

Resumo

o presente trabalho analisará as transformações sofridas pelo edifício da antiga Santa Casa de Misericórdia de Uberaba, a fim de propor diretrizes contemporâneas para a sua utilização, buscando-se preservar a identidade do hospital, contribuindo para a sua valorização e a salvaguarda da memória do Patrimônio Cultural da Saúde uberabense e mineiro. Fundada pelo frei capuchinho Eugênio Maria de Gênova, em 1858, o projeto arquitetônico da instituição, de traços barrocos, foi idealizado pelo Frei, entretanto, este não é o edifício que se encontra atualmente edificado, devido a um incêndio acidental, ocorrido em 1921, que destruiu o prédio original. Todavia, devido a sua importância, ele foi reconstruído e implantado no mesmo local que o prédio anterior, sendo oficialmente reinaugurado em 1935. Este novo edifício, de traços ecléticos, é tombado pelo conselho patrimonial municipal, funcionando atualmente como um anexo a outro edifício, de maiores proporções, que abriga o Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Palavras-chave: diretrizes; santa casa de misericórdia, hospital; patrimônio da saúde; uberaba.

Abstract

This work will analyse the changes undergone by the building of the former Holy House of Mercy of Uberaba, in order to propose contemporary guidelines for its use, seeking to preserve the hospital's identity, contributing to its valorisation and safeguarding the memory of the Cultural Heritage of Health in Uberaba and Minas Gerais. Founded by the capuchin Friar Eugenio Maria de Genoa, in 1858, the architectural design of the institution, with baroque features, was conceived by the Friar; however, this is not the building that is currently built due to an accidental fire in 1921, which destroyed the original building. But due to its importance, it was rebuilt and implanted in the same place as the previous building and was officially reopened in 1935. This new eclectic building is listed by the municipal patrimonial council, currently functioning as an annex to another building, of greater proportions, which houses the Hospital of Clinics of the Federal University of the Triângulo Mineiro.

Keywords: guidelines; holy house of mercy, hospital; health heritage; uberaba.

Resumen

El presente trabajo analizará las transformaciones sufridas por el edificio de la antigua Santa Casa de Misericordia de Uberaba, a fin de proponer directrices contemporáneas para su utilización, buscando preservar la identidad del hospital, contribuyendo para su valorización y la salvaguarda de la memoria del Patrimonio Cultural de la Salud de

Uberaba y de Minas Gerais. Fundada por el fray capuchino Eugenio María de Génova, en 1858, el proyecto arquitectónico de la institución, de rasgos barrocos, fue ideado por el Frei, sin embargo, este no es el edificio que se encuentra actualmente edificado, debido a un incendio accidental, ocurrido en 1921, que destruyó el edificio original. Pero, debido a su importancia, fue reconstruido e implantado en el mismo lugar que el edificio anterior, siendo oficialmente reinaugurado en 1935. Este nuevo edificio, de rasgos eclécticos, es tumbado por el consejo patrimonial municipal, funcionando actualmente como un anexo a otro edificio, de mayores proporciones, que alberga el Hospital de Clínicas de la Universidad Federal del Triángulo Mineiro.

Palabras-clave: directrices; santa casa de misericordia, hospital; patrimonio de la salud; uberaba.

INTRODUÇÃO

A cidade de Uberaba teve um rápido desenvolvimento urbano devido à sua posição privilegiada junto à antiga Estrada do Anhanguera – que cortava de Norte a Sul a região do antigo “Sertão da Farinha Podre”, que corresponde aos atuais territórios do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba no Estado de Minas Gerais – e a proximidade com o Rio Grande. Considerada como a principal “boca de entrada” para os sertões do interior do país, o arraial adquiriu importância comercial como ponto de passagem obrigatória entre São Paulo e o litoral do país às regiões desbravadas pela mineração em Goiás e Mato Grosso.

O povoado se desenvolveu nas proximidades da Igreja Matriz de Santo Antônio e São Sebastião, que gradativamente, teve o seu entorno ocupado; ao redor do Largo da Matriz foram construídas a Casa de Câmara e Cadeia, as residências das famílias mais importantes e os primeiros pontos comerciais do então arraial. Segundo Lourenço (2007), entre 1840 e 1848, metade do território do atual Triângulo Mineiro já tinha com núcleo matriz a Vila de Uberaba – constituída em 1836 – o que demonstra a sua importância e força econômica na região. Em 1856, o povoado formado no início do século XIX, já havia adquirido a prerrogativa de cidade (VALE, 1998, p. 238).

Uberaba passou a contar com uma Santa Casa de Misericórdia a partir de 1858, instituição religiosa filantrópica, de caráter paternalista, inspirada na tradi-

ção de caridade cristã, que se organizava apenas nos centros urbanos mais desenvolvidos (COSTA VIOTT, 1977 *apud* REZENDE, 1983, p. 41-42). Fundada pelo frei capuchinho Eugênio Maria de Gênova, ela foi durante o século XIX, a única instituição a prestar serviços de saúde na cidade e na região. Conforme aponta Sampaio (1971, p. 146), Frei Eugênio, que chegara a Uberaba, em 1856, para construir um cemitério a convite da Câmara Municipal, começou a se interessar em melhorar a vida da população local e, com este propósito decidiu fundar uma Casa de Misericórdia.

Dentre as diversas instituições de caridade, vinculadas a ordens religiosas e irmandades, que desenvolveram um papel de extrema importância na assistência aos pobres e doentes, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia merece especial destaque pela importância de sua obra e abrangência territorial. Esta Irmandade surgiu em Portugal no século XV, e chegou ao Brasil no século seguinte, sendo a da cidade de Olinda, fundada em 1539, considerada a primeira da América e do Brasil (ABREU, 2001, p. 594-598). Essas Casas de Misericórdia eram criadas na Colônia acompanhando a consolidação da ocupação portuguesa, podendo ser consideradas como um elemento de identidade nacional para a estruturação do Império Português. Pioneiras, essas instituições anteciparam as atividades estatais em relação à saúde no Brasil (LOPES, 2018, p. 37).

A SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE UBERABA

Criada em 1858, a Santa Casa de Misericórdia de Uberaba foi oficialmente inaugurada em 1898, 40 anos após a sua fundação. A demora em se conseguir finalizar as obras do hospital deveu-se a inúmeras disputas e conflitos políticos que se sucederam, além das dificuldades em se conseguir arrecadar os recursos necessários para a sua construção. Entretanto, há registros que comprovam o seu funcionamento desde 1862, quando uma epidemia de varíola fez com que uma das alas do prédio, em que a construção estava mais avançada, fosse finalizada e ocupada às pressas (BILHARINHO, 1982, p. 398).

Sua construção se deu em um terreno doado pelo Município em uma área que, na época, ficava distante da área mais urbanizada da cidade. Localizado junto ao “Largo do Rancho”, o terreno se encontrava à beira da estrada que dava entrada na cidade a quem vinha de São Paulo, pela antiga Estrada do Anhangueira (Figura 1).

O projeto arquitetônico do edifício da Santa Casa é de autoria de seu fundador, Frei Eugênio, sendo conhecido, segundo Vale (1998, p. 248), através de um desenho da planta e da fachada frontal doado por Borges Sampaio à Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, em 1881 (Figuras 2 e 3); não sendo possível precisar que este tenha sido integralmente executado, embora seus traços gerais, sobretudo em relação à implantação, possam ser reco-

nhecidos nas poucas descrições e raras fotografias antigas preservadas.

O complexo do edifício, composto pelo hospital, capela, quintal e pátios, ocupava uma área de quase 10.000m². Somando-se o cemitério, que ficava aos fundos, abrangia um terreno de cerca de 20.000 m². No projeto arquivado na biblioteca Nacional, Lopes (2018, p. 40) observa que a capela, dedicada a São Francisco e a Nossa Senhora do Carmo, marcava o corpo central do edifício, cujo volume se sobressaía do restante do conjunto devido ao seu frontispício arrematado em volutas com torre única central. Nas laterais da entrada da capela, duas portas davam acesso ao interior do hospital, feito pelo então Largo da Misericórdia, atual Praça Dr. Thomas Ulhôa.

Todos os cômodos do hospital como enfermarias, consultórios, sala de cirurgias e serviços de apoio, davam para os pátios e quintal, que foram projetados para servirem, provavelmente, de distração aos doentes além de proporcionarem uma boa ventilação e iluminação. Um muro fazia a divisa entre essas partes e o cemitério, dedicado a São Francisco de Assis (LOPES, 2018, p.40).

Nota-se que o projeto elaborado pelo Frei se aproxima da tipologia claustral, entretanto o projeto sofreu alterações. Sampaio (1971, p. 178) comenta que a parte em que deveria ter sido construída o corpo de uma igreja, acabou sendo ocupada por um jardim, essa alteração foi feita pela Mesa Administrativa do hospital, que passou a gerir a instituição após a morte do capuchinho, em 1871. Segundo



Figuras 1 e 2 – À esquerda, planta retratando Uberaba em 1855. Em destaque (roxo) a Igreja Matriz com seu largo (amarelo), a região denominada de Largo do Rancho (verde) e a estrada que levava para São Paulo (vermelho). À direita o projeto da Santa Casa de Misericórdia de Uberaba atribuído a Frei Eugênio – Elevação frontal. Fonte: SAMPAIO apud TOTI, 1956 / Acervo da Biblioteca Nacional apud VALE, 1998, p. 249.

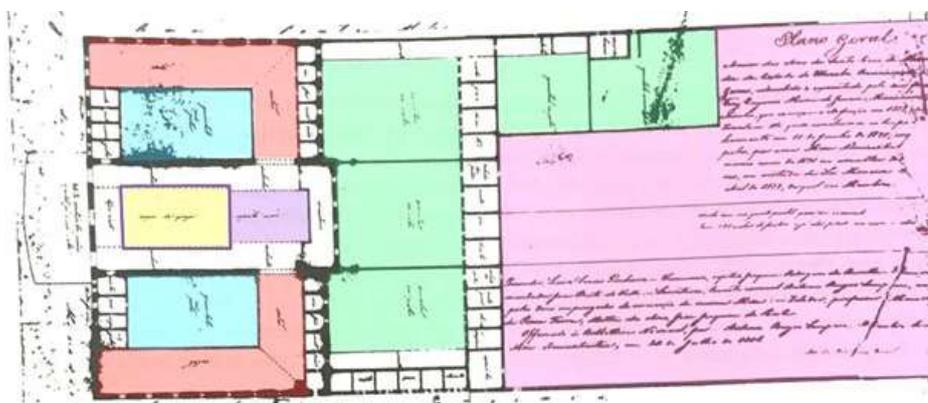


Figura 3 – Projeto da Santa Casa de Misericórdia de Uberaba atribuído a Frei Eugênio – Planta. Em destaque o cemitério (rosa), o quintal (verde), os pátios (azul), as enfermarias (vermelho), a capela (roxo), e a parte da capela que foi transformada em jardim (amarelo). Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional apud VALE, 1998, p. 249.



Figura 4 – Nesta fotografia, de 1903, observa-se o frontispício da capela afastada em relação à fachada frontal da Santa Casa, onde se vê apenas uma porta central de acesso. Fonte: Acervo do Arquivo Público de Uberaba.



Figura 5 – Fotografia da década de 1950 do novo edifício da Santa Casa de Misericórdia de Uberaba. Fonte: Acervo do Arquivo Público de Uberaba.

Lopes (2018, p.40), uma foto de 1903 (Figura 4) confirma esta situação, pois nela se observa que o óculo da empena da capela, se posiciona afastado em relação à fachada frontal e acima do seu telhado. Desta forma confirma-se que o frontispício projetado por Frei Eugênio não foi executado integralmente. No entanto Bilharinho (1982, p. 409) indica que a torre sineira chegou a ser executada, contudo, ela foi demolida, em 1894, após ter sido danificada por um raio.

Em 1919, 21 anos após ter sido oficialmente inaugurada, a Diretoria da Santa Casa decidiu construir um novo edifício, já que o existente não correspondia mais as necessidades hospitalares da época, além de apresentar inúmeros problemas causados pela falta de manutenção do prédio, conforme apontados em um jornal local, o *Lavoura e Comércio* (1919 *apud* BILHARINHO, 1982, p. 426 e 427):

Não há quem não conheça esse vetusto pardieiro, cujos serviços prestados à população uberabense estão na razão direta do seu elevado número de anos. Confrange-nos vê-lo ali, ao alto da praça, com suas janelas sexagenárias desvidraçadas e os paredões coloniais esburacados, já prestes a arriar a carcaça, tanto a inclemência da chuva e a impiedade dos anos o maltrataram. Atendendo à sua velhice externa e interna, e a necessidade imprescindível que há para a cidade de se manter um estabelecimento desse gênero, a diretoria da Santa Casa resolveu construir um novo edifício, de moderno aspecto arqui-

tetônico com a higiene e o conforto necessários aos fins a que se destina.

De forma a manter o funcionamento da instituição, as instalações e boa parte dos móveis e instrumentos cirúrgicos foram transferidos para a outrora casa, de moradia de Frei Eugênio, em 1920, local em que funcionaria o hospital até a construção do novo edifício. Todavia, quando estava para ser marcada a data de demolição do prédio, ele foi destruído por um incêndio, ocorrido em fevereiro de 1921 (BILHARINHO, 1982, p. 427-428).

A reconstrução da Santa Casa ficou a cargo do médico e provedor da instituição, Dr. José de Oliveira Ferreira¹ que, além de ajudar na arrecadação de fundos, também teria projetado o novo edifício (BILHARINHO, 1982, p. 427). As obras tiveram início em 1926, porém demoraria nove anos até que este novo edifício fosse finalizado e inaugurado, em março de 1935 (Figura 5).

O novo hospital foi edificado no mesmo local do edifício anterior, mantendo a mesma implantação, com a elevação frontal voltada para o largo. Com dois pavimentos e um porão parcial na extremidade da elevação lateral direita, aproveitando a declive natural do terreno, solução também verificada na primitiva Santa Casa. Apresenta afastamentos na elevação frontal e lateral esquerda; porém, a elevação lateral direita se encontra sobre o alinhamento do lote, possibilitando o acesso ao porão com entrada pela Rua Frei Paulino (LOPES, 2018, p. 61-62).

¹ Filho de imigrantes portugueses nasceu em Uberaba em 1864. Foi o segundo uberabense a se formar em medicina e a clinicar na cidade. Abriu sua clínica em 1887, mesmo ano em que se formou pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro. É considerado, por historiadores locais o segundo maior benemérito da Santa Casa de Misericórdia de Uberaba, ficando atrás apenas de seu fundador, Frei Eugênio (LOPES, 2018, p. 35).

Figuras 6 e 7 – À direita planta do térreo e do primeiro pavimento da Santa Casa de Misericórdia, ocupada pelo Hospital de Clínicas da UFTM. Em destaque (vermelho) o contorno do volume original do edifício, a capela (roxo) e a escadaria (laranja). À esquerda foto, de 1950, da escadaria que faz a interligação entre o térreo e o pavimento superior da Santa Casa. Fonte: Acervo do HC – UFTM / Acervo do Arquivo Público de Uberaba.



Figuras 8 e 9 – À direita a enfermaria feminina e à esquerda a sala de cirurgia. Ambas as imagens são de 1950. Fonte: Acervo do Arquivo Público de Uberaba.

O novo edifício, de características ecléticas com destacados elementos classicizantes, possui planimetria e elevações simétricas, com eixo transversal. A composição geral da fachada apresenta solução típica do neoclassicismo para edifícios de grande porte no Brasil, com um corpo central avançado – criando, neste caso, proteção para a porta de entrada principal e o acesso de automóveis – e duas alas laterais alongadas que unem corpos levemente ressaltados nas extremidades. A planta (Figura 6) apresenta um corredor central com largura constante que distribui linearmente as salas, acompanhando a fenestração da fachada. A escada (Figura 7) de acesso ao primeiro pavimento, localizada no hall central é elemento de destaque, quebrando a horizontalidade da solução. Construído com estrutura autoportante de pedra e tijolos maciços, possui pés-direitos bastante amplos e paredes largas e sólidas, que conferem grande estabilidade estrutural ao edifício.

Através dos relatos de Bilharinho (1982, p. 466) temos o registro do funcionamento originalmente de cada pavimento: os consultórios ficavam no porão; o pavimento térreo possuía 15 quartos, sendo três de isolamento, além da farmácia, da maternidade, da sala de curativos e duas enfermarias, totalizando 60 leitos (Figura 8); no último pavimento havia mais duas enfermarias, também com 60 leitos no total, duas enfermarias menores, quatro apartamentos, dois quartos de isolamento, o bloco cirúrgico que ocupava a extremidade da lateral direita (Figura 9), à administração e a capela.

Ao longo dos anos, a Santa Casa passaria por inúmeras dificuldades financeiras, principalmente pelo débito criado pelo não repasse de recursos pela Prefeitura para sua manutenção, conforme convênio estabelecido em 1957. Essa situação só seria amenizada após a instituição ser anexada a Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM)², em 1967, passando a funcionar como hospital escola; entretanto ela já era utilizada pelos estudantes desde 1957, através de um convênio firmado entre a FMTM, a Santa Casa e a Prefeitura (BILHARINHO, 1982).

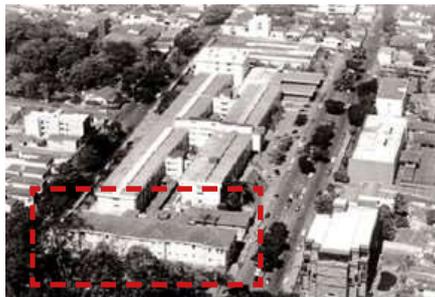
Devido aos avanços da medicina e da tecnologia, assim como a expansão e aprimoramento do curso de medicina, as instalações da Santa Casa, paulatinamente deixaram de atender de modo satisfatório as necessidades hospitalares e de ensino. Mesmo antes da anexação da Santa Casa à Universidade, os alunos e os professores da FMTM já se queixavam da falta de locais apropriados para estudos. Assim, em 1965, a administração do hospital e os estudantes foram bem sucedidos em sua solicitação de verbas junto ao Governo Federal, para sua reforma e ampliação (Figuras 10 e 11). Deste modo, ao longo das décadas de 1960 e 1980, o edifício da Santa Casa, passaria por inúmeras reformas de adequação, assumindo novas funções, enquanto um novo edifício para atendimento hospitalar foi construído no terreno que ficava nos fundos, ocupando o cemitério e todo o quarteirão, entre a Avenida Getúlio Guaritá e a Rua Frei Paulino (LOPES, 2018, p.65).

² Fundada em 1953, a FMTM ocupou inicialmente o prédio da antiga Cadeia Pública de Uberaba, que ficava a poucos quarteirões da Santa Casa, tendo sido doada pelo então governador do Estado de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek. A faculdade foi uma importante conquista para a cidade e região, fortalecendo Uberaba como um importante polo ligado a saúde. Tendo começado a funcionar em 1954, a primeira turma se formou em 1960, mesmo ano em ela foi federalizada (LOPES, 2018, p.64).

Figuras 10 e 11 – À esquerda o terreno que ficava aos fundos da Santa Casa de Misericórdia. À direita as obras do novo hospital na década de 1960, onde se pode ver a Santa Casa de Misericórdia ao fundo (esquerda da imagem). Fonte: Acervo do Arquivo Público de Uberaba.



Figuras 12 e 13: À esquerda o hospital em 1982. À direita o hospital em 2016. Em ambas as imagens, podemos visualizar parte do edifício eclético da Santa Casa de Misericórdia de Uberaba (em desataque vermelho). Fonte: Acervo do Arquivo Público de Uberaba / Acervo do HC – UFTM.



Figuras 14 e 15: À esquerda fotografia recente da entrada da Santa Casa de Misericórdia de Uberaba e à direita o edifício do hospital visto da Rua Frei Paulino. Fonte: LOPES, 2017.



As obras do novo edifício ocorreram em fases, de forma a manter o funcionamento do hospital. Aos poucos, as atividades do edifício da Santa Casa foram sendo transferidas para a nova construção até que, em 1982, com a inauguração oficial de todo o novo complexo hospitalar, com o nome de Hospital Escola da FMTM, o antigo edifício passou a abrigar apenas laboratórios, arquivo e salas de estudos (BILHARINHO, 1982), situação que se mantém inalterada até os dias de hoje (Figuras 12 e 13).

Desde 2005, quando a FMTM foi integrada à Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) – instituição criada neste mesmo ano – o hospital passou a se chamar Hospital de Clínicas (HC), e o nome de Santa Casa de Misericórdia, a cada dia que passa se desvanece da memória da população e até mesmo de seus usuários cotidianos.

O DEPERECIMENTO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE UBERABA

Apesar das enormes dificuldades que a Santa Casa de Misericórdia de Uberaba passou desde sua fundação, seu edifício, inaugurado em 1925, resistiu através do tempo e se encontra fisicamente preservado, tendo sido um dos primeiros bens tombados³ pelo município após a implantação de políticas específicas para a preservação de seu patrimônio cultural (Figuras 14 e 15)⁴.

A análise das condições de conservação e valorização deste bem, contem-

poraneamente, apontam alguns aspectos a serem destacados. O primeiro a ser destacado diz respeito às suas características construtivas; sem dúvida, sua dimensão e a robustez da construção, são aspectos determinantes e que justificam, pelo menos parcialmente, sua sobrevivência, na medida em que se tornam fatores inibidores de intervenções mais radicais que pudessem alterar a distribuição espacial original interna – que se conserva bastante íntegra e perceptível, apesar de alguns acréscimos com materiais leves (como divisórias) – ou mesmo sua demolição integral. No entanto, a construção de anexos junto às elevações posteriores e na lateral esquerda (dos quais, dentre outros, merece destaque a rampa acrescentada ao lado da escada central), alterou parcialmente a volumetria original da edificação, criando, em alguns casos, pontos vulneráveis à degradação, como junções mal executadas e fragilidades no escoamento de águas pluviais.

Outro aspecto a se considerar é o projeto do novo complexo hospitalar, construído entre as décadas de 1960/80, ele desconsidera completamente a existência da antiga Santa Casa, sem prever qualquer forma de articulação entre a nova e a antiga construção. Não foi possível averiguar qual o destino e o uso que foram pensados à época para a antiga Santa Casa, que aos poucos foi esvaziada de suas funções originais, sem um plano de ocupação conjugado aos novos espaços. Os blocos do novo hospital, de linhas modernas, apesar de não agredirem verticalmente o antigo hospital – o

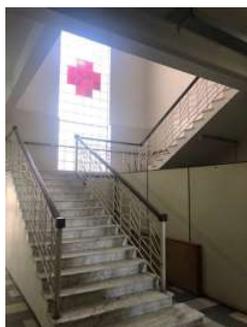
³ O edifício da Santa Casa de Misericórdia de Uberaba foi tombado pelo Conselho de Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba (Conphau) em 1999 – Decreto 1904/1999.

⁴ Uberaba conta, desde 1984, com um conselho municipal de proteção do patrimônio cultural (LOPES, 2018, p. 93).

Figuras 16, 17 e 18 – À esquerda a porta da Santa Casa de Misericórdia de Uberaba, onde anteriormente ficava o acesso principal ao edifício. Na fotografia do centro vemos o acesso ao porão também fechado. À direita, imagem dos pátios cobertos, de forma improvisada, que levam a Santa Casa de Misericórdia de Uberaba. Fonte: VALE, 2018.



Figuras 19 e 20 – À esquerda a escada que faz a interligação entre os pavimentos da Santa Casa de Misericórdia de Uberaba. À direita imagem mostrando a grade que cerca a fachada da Santa Casa de Misericórdia de Uberaba. Fonte: LOPES, 2018 / Google Earth, 2017.



bloco de maior altura foi implantado no outro oposto do quarteirão, sendo esta a única solução que aponta uma relação de respeito à obra preexistente – são totalmente independentes, com acessos feitos pelas vias laterais.

O acesso principal do antigo edifício da Santa Casa, assim como a porta de acesso ao porão pela fachada lateral direita, foram desativados (Figuras 16 e 17). Atualmente, o acesso a antiga Santa Casa é feita exclusivamente através do edifício moderno, seguindo um caminho tortuoso que passa por corredores internos e pátios improvisadamente cobertos (Figura 18), passando por áreas de serviços, casas de máquinas, geradores e depósitos (inclusive de lixo), entrando-se na edificação por uma porta aberta no acréscimo de sua fachada posterior. Seguindo este

caminho, mesmo o usuário mais atento tem dificuldade de perceber que esta entrando em uma edificação antiga, sensação que surge apenas quando se chega ao hall central, onde, a altura do pé direito, a robustez das paredes, os longos corredores, as portas antigas e a imponência da escada (Figura 19) revelam a edificação original. Sem qualquer acesso direto à rua, o edifício se mantém isolado da cidade e dos transeuntes, e afastado pela grade que o circunda em toda e elevação frontal (Figura 20). Para quem passa pela rua, o edifício parece sem uso e abandonado, a não ser pela presença de algumas janelas abertas durante os dias de semana.

Outro aspecto a ser mencionado diz respeito à mudança do perfil dos usuários. A substituição das atividades

originais por laboratórios, arquivo e poucas salas de aulas, reduziu o número de pessoas que o frequentam diariamente. São poucas as aulas ministradas no edifício, que é mais frequentado pelos técnicos, alguns professores e alunos de pós-graduação e de iniciação científica, que desenvolvem pesquisas nos laboratórios e no arquivo. Os funcionários e professores mais antigos, que conheceram e vivenciaram o edifício quando este ainda era um hospital, com raras exceções, já se aposentaram; os novos frequentadores não conhecem – e não se interessam – pela história e ficam mais atentos às deficiências que o espaço apresenta à realização de suas tarefas/de seus trabalhos. Observa-se ainda que, após a criação da UFTM, a maior parte dos estudantes que o frequentam, seja para aulas ou pesquisas, já não são oriundos do curso de medicina, o que representa uma quebra do vínculo afetivo entre esses e o edifício.

A mudança de uso do edifício é o último aspecto a ser citado, isso exige cons-

tantes intervenções para instalações de novos equipamentos, que são adquiridos em função do desenvolvimento das pesquisas e trabalhos realizados nos diversos laboratórios, bem como para atender as exigências da vigilância sanitária. Contudo, apesar das reformas, o edifício ainda não atende as necessidades destes novos usos, principalmente a dos laboratórios. Segundo entrevistados as salas muitas das vezes não comportam o maquinário utilizados nas pesquisas, ficando o espaço apertado para a sua utilização ou impossibilitando que eles sejam instalados – como no caso do chuveiro de segurança e do lava olhos, itens obrigatórios nesses espaços, porém inexistente nesses laboratórios devido à falta de espaço.

Estas intervenções – dentre as quais se destaca a instalação de ares condicionados, um equipamento atualmente obrigatório em ambientes hospitalares e laboratoriais – tem sido feitas de modo bastante aleatório, sem seguir um projeto específico (Figuras 19 e 20), interferindo em todas as fachadas do edifício. Além



Figuras 21 e 22 – Em ambas as fotos observam-se a presença de anexos contíguos ao edifício, assim como a proliferação de ares condicionados, bem como a presença de mofo e manchas de umidade nas paredes externas. Fonte: LOPES, 2018.

Figuras 23 e 24 – Em ambas as imagens observam-se os arquivos dos laboratórios espalhados pela circulação do prédio. Fonte: VALE, 2018.

Figuras 25, 26 e 27 – Da esquerda para a direita tem-se imagens de um laboratório de pesquisa, de uma sala de aula e de caixotes ocupando o corredor da antiga Santa Casa de Misericórdia de Uberaba. Fonte: LOPES, 2018.



de serem pontos de geração de umidade, diversos vãoos tem sido abertos e/ou fechados para suas instalações, o que altera a composição plástica e causa forte poluição visual (Figuras 21 e 22).

Chama a atenção também à precariedade das instalações elétricas, assim como a quantidade de fios de energia soltos que utilizam a mesma fonte, podendo vir a causar uma sobrecarga na rede elétrica, o que poderia dar início a um processo de incêndio. Por outro lado, as adaptações realizadas não são suficientes para o pleno atendimento das normas de vigilância sanitária e não consegue oferecer uma boa qualidade espacial e ambiental para as atividades desenvolvidas, sendo esta uma das queixas dos atuais usuários, observação que é igualmente válida para o arquivo, que não atende

satisfatoriamente as normas brasileira de descrição arquivística (Figuras 23 e 24). A insuficiência do espaço para atendimento das diversas atividades ali realizadas é claramente percebida pelo acúmulo de móveis e equipamentos nos corredores e até mesmo de equipamentos encaixotados que aguardam espaço para serem instalados (Figuras 25, 26 e 27).

O PATRIMÔNIO DA SAÚDE DE UBERABA EM RISCO E AS PERSPECTIVAS DE PRESERVAÇÃO DA ANTIGA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA

O antigo edifício da Santa Casa integra a lista dos dez primeiros imóveis da cidade que foram protegidos por tombamento

municipal, realizados entre 1900 a 1999. No entanto, apesar do tombamento, da existência de leis municipais de proteção do patrimônio cultural e de um conselho deliberativo com corpo técnico suficiente⁵, a Santa Casa de Misericórdia enfrenta desafios quanto à sua preservação futura, assim como os demais bens arquitetônicos uberabenses⁶ que se encontram, em sua maioria, passando por reformas sem a devida autorização e/ou fiscalização do Conselho.

A documentação referente ao processo de tombamento da Santa Casa – o qual, segundo as leis de proteção federal, estadual e municipal, deve conter a declaração de significância, as delimitações e as diretrizes de intervenções dos perímetros de tombamento e entorno – assim como os laudos técnicos de avaliação das condições de conservação que devem ser realizados periodicamente, encontram-se perdidos, segundo informação do próprio Conselho de Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba (Conphau). Desta forma, com atuação pouco eficaz, o Conselho não tem sido capaz de cumprir adequadamente com seu papel fiscalizador e de orientação sobre as intervenções ou promover o reconhecimento e valorização do bem.

Nesta mesma direção, observa-se que nem a UFTM e nem o HC contam com um projeto específico de diretrizes para ocupação, uso e manutenção do antigo hospital, e também desconhecem as diretrizes de intervenções que deveriam constar no processo de tombamento. Essas decisões ficam a cargo da própria

Reitora e/ou da Diretoria, sujeitas, portanto, aos interesses e às políticas de cada administração. Agravando esta situação, o edifício da antiga Santa Casa não conta por parte da instituição e nem de seus usuários, com o reconhecimento de seu valor cultural, sendo tratado apenas como mais um imóvel dentre os outros tantos que a instituição possui e administra. Isso foi observado durante as entrevistas, ao serem questionados sobre este aspecto, os usuários demonstram surpresa, mas também empatia pelo lugar, o que sugere que a questão não é falta de valores, mas sim a falta de sua difusão.

A expansão constante dos serviços de atendimento à saúde e o desenvolvimento científico e das práticas médicas não podem ser vistos como fatores negativos ou empecilhos à preservação do patrimônio arquitetônico da saúde. A situação verificada no antigo edifício da Santa Casa também pode ser percebida no próprio Hospital de Clínicas e em outras edificações da UFTM, nas quais a crescente demanda pela ampliação de assistência à saúde à população, a necessidade de instalação de novos equipamentos e a própria expansão institucional (novos cursos, novos laboratórios e etc), associadas à escassez de recursos financeiros e de pessoal – frequentemente associadas à ineficiência e morosidade da gestão – não possibilitam um planejamento adequado, e as adequações se dão de modo quase sempre emergenciais e improvisadas.

A importância, ou mesmo a imprescindibilidade, de que os bens arquitetônicos tenham usos integrados à vida

⁵ A equipe do Conphau é formada por historiadores, arquitetos, engenheiros e advogados, todos contratados pela Prefeitura.

⁶ Além do edifício da Santa Casa, Uberaba possui outros bens ligados ao Patrimônio Cultural da Saúde tombados (Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Hospital São Paulo, Sanatório Espírita e Hospital São José) ou inventariados (Hospital e Maternidade São Domingos) que se encontram na mesma situação (LOPES, 2018).

contemporânea é ponto convergente entre as várias teorias e tendências atuais relacionadas ao restauro e à conservação do patrimônio arquitetônico. A adequação de um edifício histórico às necessidades contemporâneas, mantendo ou não seu uso original, sem perda das características essenciais que lhe conferem o valor de bem cultural, é um desafio que se impõe a qualquer projeto de intervenção. Desafio que cresce quando seu uso exige a introdução de novas tecnologias, como no caso das edificações hospitalares.

Conforme argumenta Muñoz (2004), a restauração – e, portanto a conservação dos bens – se faz para seus usuários, a aqueles para quem os objetos significam algo, cumprem uma função simbólica ou documental, ou outras decorrentes de suas especificidades. Sendo a restauração uma atividade que se desenvolve sobre sistemas físicos e culturalmente complexos, a intenção de estabelecer um *corpus* de normas de validade geral sempre tropeça na realidade, e que tanto pelo ponto de vista ético como técnico, as teorias e posturas frente à restauração, individualmente não conseguem ser universalmente satisfatórias, devido

à complexidade e variedade dos bens e de suas circunstâncias. A restauração “correta” é aquela que harmoniza, até onde seja possível, o maior número de teorias, posturas e interesses dos usuários, proprietários, técnicos e etc. Assim, para este autor, “uma boa restauração é aquela que fere menos a um maior número de sensibilidades – ou a que satisfaz mais, a mais gente” (MUÑOZ, 2004, p. 177).

No caso específico da Santa Casa de Misericórdia de Uberaba, o maior reconhecimento de seus valores simbólico, histórico e arquitetônico, por parte da instituição proprietária se coloca como de fundamental importância para sua conservação. Se por um lado não se aponta, pelo menos em primeira instância, qualquer intenção de demolição ou total descaracterização do bem, por outro também não há ações de divulgação de sua importância cultural, seja para a própria instituição ou para o município. Estas poderiam contribuir para o maior reconhecimento e valorização do bem, não somente junto à comunidade acadêmica, mas de toda a sociedade, apontando um caminho para sua conservação futura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acervo do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (HC – UFTM).
Arquivo Público de Uberaba (Uberaba – MG).
Conselho de Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba (Conphau).

- ABREU, L. O papel das Misericórdias dos “lugares de além-mar” na formação do Império português. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, v. 8, n.3, p.591-611, set./dez. 2001.
- BILHARINHO, J. S. **História da medicina em Uberaba**: Medicina, médicos, comunidade, documentário. 1. ed. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1982. v. 2.
- GAGLIARDO, V. C. **Uma Paris dos Trópicos?**: Perspectivas da europeização do Rio de Janeiro Oitocentista. 2011. 147 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Franca, 2011.
- LOPES, A. F. **Espaços de saúde na história da cidade de Uberaba**: O hospital como patrimônio cultural. 2018. 114 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.
- LOURENÇO, L. A. B. **Das Fronteiras no Império ao Coração da República**: o Território Mineiro na Transição para a Formação Sócio-Espacial Capitalista na Segunda Metade do Século XIX. 2007. 306 p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- _____. **A Oeste das Minas**: Escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista, Triângulo Mineiro (1750-1861). 1. ed. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2010.
- MUÑOZ, S. V. *Teoría Contemporánea de la Restauración*. Madrid: Editora Síntesis. 2004.
- REZENDE, E. M. M. Uberaba: uma trajetória socioeconômica (1811-1910). 1983. 125 F. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1983.
- SAMPAIO, A. B. **Uberaba**: História, fatos e homens. Uberaba: Edição Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1971.
- SERRES, J. C. P. **Preservação do patrimônio cultural da saúde no Brasil**: uma questão emergente. *Hist. cienc. saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 1411-1426, dec. 2015.
- TOTI, G. **Álbum de Uberaba**. Uberaba, 1956.
- VALE, M. M. B. T. **Arquitetura religiosa do século XIX no antigo Sertão da Farinha Podre**. 1998. 186 p. Tese (Doutorado em História da Arquitetura Brasileira) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ANDREIA DE FREITAS LOPES – Doutoranda pela EA UFMG; Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU/FAUeD UFU; Professora da UNIUBE | andreiaflop.es.arq@gmail.com

MARÍLIA MARIA BRASILEIRO TEIXEIRA VALE – Doutora em Arquitetura e Urbanismo; Professora titular da FAUeD UFU e do PPGAU/FAUeD UFU | mariliabtval.e@yahoo.com